

DALRYMPLE, William. Nove vidas: Em busca do sagrado na Índia moderna. São Paulo: Companhia das Letras, 2012, ISBN 978-85-359-2101-4. 359p.

*Celso Luiz Terzetti Filho**

A religião tem sido um dos focos mais privilegiados de observação do Ocidente em relação ao Oriente. Esse fascínio e admiração pela cultura de países como a Índia encontra espaço entre os novos movimentos religiosos e diferentes formas de religiosidades pós-modernas que buscam nesta parte do globo inspiração para compor os mais variados tipos de doutrinas e crenças.

A romantização do Oriente, neste sentido, permeia boa parte da imaginação dos ocidentais quando o assunto é religião e espiritualidade. Tais categorias não escapam a estereotipagens simplórias que, na maioria das vezes, são apresentadas sob o rótulo de “exóticas”.

Porém, isso não significa uma separação absoluta entre Ocidente e Oriente quando falamos em religiosidade. Numa discussão teológica e/ou filosófica sobre os conceitos e fundamentos das religiões orientais, é provável e quase certo que categorias e conceitos pensados num contexto cristão europeu se revelem apenas como aproximações distantes, já que a religião é uma invenção do Ocidente, assim como a própria noção de Oriente o é, seguindo o pensamento de Edward Said.

Mas, se a ponte entre o Oriente e Ocidente é intransponível, como ilustra a frase de Ruyard Klipping: *Oriente é Oriente e Ocidente é Ocidente e ambos jamais se encontrarão*, então só nos sobraria um vislumbre deste rico mosaico de crenças. Sem aprofundar discussões teológicas e filosóficas, restritas mais aos círculos acadêmicos do que ao grande público, o livro de William Dalrymple traz para o leitor em aproximações pontuais e descompromissadas (leia-se, sem os rigores da academia) a busca e as preocupações de homens e mulheres na Índia pelas questões últimas da vida, sentidos e valores.

Dalrymple é um jornalista escocês fascinado pela cultura indiana e tem outros livros publicados sobre o país. O estilo de narrativa mais explorado por ele é do tipo relatos de viagem.

O livro é dividido em nove capítulos, que correspondem a nove histórias de pessoas que o autor conheceu em suas andanças pelo país, bem como durante

* Doutorando do Programa de Ciências da Religião da PUC/SP.

o tempo que lá morou. No final, há um glossário com dezenas de palavras em diferentes línguas que aparecem no texto. As entrevistas que serviram de base ao livro por si só mostram a riqueza e diversidade da Índia, já que foram realizadas em oito línguas.

Na primeira história, o autor descreve seu encontro com a monja jainista Prasannamati Mataji, que conheceu no templo de Vadegall Basadi, numa peregrinação à cidade de Sravanabelagola. A monja lhe conta sua história de vida, ao mesmo tempo em que descreve suas crenças.

Sem perder o ritmo da narrativa, Dalrymple contextualiza o leitor mostrando certo domínio sobre o conhecimento histórico, lendas e mitos das regiões por onde passa.

No segundo capítulo, o autor narra a história de Hari Das, um dos dançarinos nos *theyyam*. Aqui, vale destacar a análise sociológica do autor ao mostrar essa manifestação cultural como uma inversão em relação aos valores conservadores do sistema de castas. Esta manifestação, sobrevivente de um sistema religioso pré-ariano dravídico, fora absorvida pelo Hinduísmo. O homem que nos *theyyam* se transforma num deus é um perfurador de poços da casta dos intocáveis, ou seja, um *dalit*. Sua condição é esquecida nos dias em que recebe o deus, e basta apenas um olhar com sua fantasia ao espelho para que isso aconteça. Se, em certos momentos, é proibido de tocar em um prato de comida, no outro tem os pés beijados.

É na história de Hari Das que a questão da preocupação com a sobrevivência das tradições vai sendo colocada. A crítica de Hari Das é que a juventude vai se interessando cada vez menos pelos *theyyam*. Não é só nessa narrativa que a preocupação com o consumismo e confortos da vida moderna aparece como uma ameaça à tradição.

No capítulo três é narrada a história de Rani Bai, uma *devadasi* (termo que, ao longo da história, também assumiu a acepção de “prostituta sagrada”) devota da deusa Yellamma. É uma história triste, que evidencia a questão da prostituição infantil como recurso financeiro de muitas famílias desprivilegiadas.

No quarto capítulo, o autor narra a história do bardo xamã de aldeia, Mohan Bhopa e sua mulher, Batasi, dois dos últimos cantores herdeiros de um poema medieval do Rajastão chamado *A Epopeia de Pabuji*. Poema este com seiscentos anos, composto de quatro mil versos e que, quando recitado do começo ao fim, não leva menos do que cinco dias para terminar. Como bem coloca o autor, o fato mais intrigante é que o casal é completamente analfabeto (2012, p.111). O poema é recitado tendo como ilustração um *phad*, que consiste em uma grande pintura ilustrativa que é enrolada e levada junto com o casal em suas apresentações. Assim como na história de Hari Das, o dançarino *dalit*, a preocupação de Mohan é perpetuar essa tradição, já que, mais uma vez, é descrito que a juventude não

mais se interessa pelos recitais desses grandes poemas épicos, que chegam a ser comercializados através de CDs de menor duração.

A quinta história é a da *fada vermelha*, e se passa na região do Sind, centro do sincretismo hindu-muçulmano. Nela é narrada a história de Lal Peri, uma faquir asceta que vivia entre sufistas e sadhus. Aqui, entra em cena o conflito entre os muçulmanos *talibs* das madrassas e os hindus. Os primeiros nutrem certo ódio ao que é considerado por eles idolatria e superstição.

Na sexta narrativa, o autor quebra um estereótipo comum quando o Ocidente pensa na figura de um monge tibetano. A história contada é a do monge Tashi Passang, que se vê obrigado a pegar em armas contra os chineses na época da invasão destes ao Tibete. Uma bela e triste narrativa que mostra a preocupação e a aflição do monge que vive num profundo exame de consciência dos seus atos.

No sétimo capítulo, o autor conta a história do fabricante de ídolos de bronze Srikanda Stpathy. Nessa narrativa questões relacionadas à adoração das imagens na Índia são entrecortadas as descrições dos processos de fabricação contados por Stpathy e, mais uma vez, a preocupação com as futuras gerações aparece.

A oitava história é a da *sadhu* tantrista Manisha Ma Bhairavi, que vive num terreno de cremação em Tarapith, Bengala. Devoto da deusa Tara, ele vive com seu companheiro entre outros adeptos da deusa que cultivam uma crença de proximidade com a morte.

A última história, *o trovador cego*, narra a história de Kanai Das Baul, um cantor Baul. Estes desafiam distinções de casta e religião, e vivem perambulando de aldeia em aldeia cantando a loucura divina.

No final, Dalrymple consegue, de forma simples, uma aproximação da espiritualidade e religiosidade indiana, sem o formalismo acadêmico e sem deixar de lado a erudição jornalística. As narrativas do livro construídas a partir do cotidiano de pessoas tão singulares é, no mínimo, fascinante, e revela a grandiosidade e diversidade de religiões, bem como a pequenez de nossa compreensão em relação a elas.

Recebido: 22/09/2013

Aprovado: 04/11/2013